



GUERREIRO PAGÃO





OBRAS DO AUTOR PUBLICADAS PELA EDITORA RECORD

1356
Azincourt
O condenado
Stonehenge
O forte

Trilogia As Crônicas de Artur

O rei do inverno
O inimigo de Deus
Excalibur

Trilogia A Busca do Graal

O arqueiro
O andarilho
O herege

Série As Aventuras de um Soldado nas Guerras Napoleônicas

O tigre de Sharpe (Índia, 1799)
O triunfo de Sharpe (Índia, setembro de 1803)
A fortaleza de Sharpe (Índia, dezembro de 1803)
Sharpe em Trafalgar (Espanha, 1805)
A presa de Sharpe (Dinamarca, 1807)
Os fuzileiros de Sharpe (Espanha, janeiro de 1809)
A devastação de Sharpe (Portugal, maio de 1809)
A águia de Sharpe (Espanha, julho de 1809)
O ouro de Sharpe (Portugal, agosto de 1810)
A fuga de Sharpe (Portugal, setembro de 1810)
A fúria de Sharpe (Espanha, março de 1811)

Série Crônicas Saxônicas

O último reino
O cavaleiro da morte
Os senhores do norte
A canção da espada
Terra em chamas
Morte dos reis
O guerreiro pagão





BERNARD
CORNWELL

o GUERREIRO
PAGÃO



Tradução de
ALVES CALADO

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2014





CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Cornwell, Bernard, 1944-
C834g O guerreiro pagão / Bernard Cornwell; tradução de Alves Calado. – 1ª ed. –
Rio de Janeiro: Record, 2014.
(As crônicas saxônicas; v.7)

Tradução de: The Pagan Lord
Sequência de: Morte dos reis
ISBN 978-85-01-10238-6

1. Ficção inglesa. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

14-09588

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Título original em inglês:
THE PAGAN LORD

Copyright © Bernard Cornwell, 2013

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-10238-6

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.





Para Tom e Dana
Go raibh mile maith agat





NOTA DE TRADUÇÃO

Mantive a grafia de muitas palavras como no original, e até mesmo deixei de traduzir algumas, porque o autor as usa intencionalmente num sentido arcaico, como Yule (que hoje em dia indica as festas natalinas, mas, originalmente, e no livro, é um ritual pagão) ou buhr (burgo). Além disso, mantive algumas denominações sociais, como earl (atualmente traduzido como “conde”, mas o próprio autor o especifica como um título dinamarquês — mais tarde equiparado ao de conde, usado na Europa continental), thegn, reeve e outros que são explicados na série de livros. Por outro lado, traduzi lord sempre como “senhor”, jamais como lorde, que remete à monarquia inglesa posterior e não à estrutura medieval. Hall foi traduzido ora como “castelo”, ora como “salão”, na medida em que a maioria dos castelos da época era apenas um enorme salão de madeira coberto de palha, com uma plataforma elevada para a mesa dos comensais do senhor; o resto do espaço tinha o chão simplesmente forrado de juncos. Britain foi traduzido como Britânia (opção igualmente aceita mas pouco usada) para não confundir com a Bretanha, no norte da França (Brittany), mesmo recurso usado na tradução da série As Crônicas de Artur, do mesmo autor.





SUMÁRIO

MAPA 9

TOPÔNIMOS 11

**ÁRVORE GENEALÓGICA DA
FAMÍLIA REAL DE WESSEX 13**

PRIMEIRA PARTE

O abade 15

SEGUNDA PARTE

Middelniht 69

TERCEIRA PARTE

Rumores de guerra 145

QUARTA PARTE

Cuspe de Gelo 259

NOTA HISTÓRICA 333





MAPA







TOPÔNIMOS

A GRAFIA DOS TOPÔNIMOS na Inglaterra anglo-saxã era incerta, sem qualquer consistência ou concordância, nem mesmo quanto ao nome em si. Assim, Londres era grafado como Lundonia, Lundenberg, Lundenne, Lundene, Lundenwic, Lundenceaster e Lundres. Sem dúvida alguns leitores preferirão outras versões dos nomes listados abaixo, mas em geral empreguei a grafia utilizada no *Oxford Dictionary of English Place-Names* ou no *Cambridge Dictionary of English Place-Names* para os anos mais próximos ou contidos no reinado de Alfredo, entre 871 e 899 d.C., mas nem mesmo esta solução é à prova de erro. A ilha de Hayling, em 956, era grafada tanto como Heilincigae quanto como Hæglingaiggæ. E eu mesmo não fui consistente; deveria escrever England (Inglaterra) como Englalund (Inglaterra), e preferi a grafia moderna Nortúmbria a Norðhymbraland para evitar a sugestão de que as fronteiras do antigo reino coincidiam com as do condado moderno. Desse modo, a lista, assim como as grafias, é resultado de um capricho.

ÆSC HILL	Ashdown, Berkshire
AFEN	Rio Avon, Wiltshire
BEAMFLEOT	Benfleet, Essex
BEARDDAN IGGE	Bardney, Lincolnshire
BEBBANBURG	Castelo de Bamburgh, Northumberland
BEDEHAL	Beadnell, Northumberland
BEORGFORD	Burford, Oxfordshire
BOTULFSTAN	Boston, Lincolnshire
BUCHESTANES	Buxton, Derbyshire
CEASTER	Chester, Cheshire
CEODRE	Cheddar, Somerset
CESTERFELDA	Chesterfield, Derbyshire



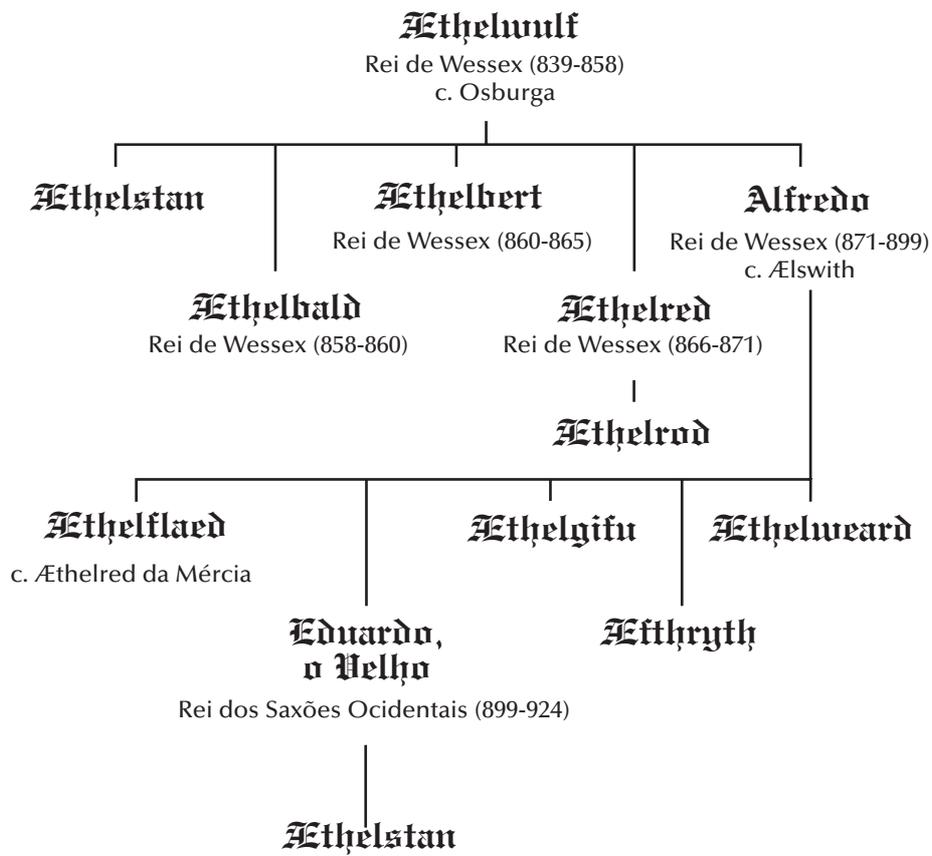


CIRRENCEASTRE	Cirencester, Gloucestershire
CODDESWOLD HILLS	As Cotswolds, Gloucestershire
CORNWALUM	Cornualha
CUMBRALAND	Cumbria
DUNHOLM	Durham, Condado de Durham
DYFLIN	Dublin, Eire
E OFERWIC	York, Yorkshire
ETHANDUN	Edington, Wiltshire
EXANCEASTER	Exeter, Devon
FAGRANFORDA	Fairford, Gloucestershire
FARNEA ISLANDS	Ilhas Farne, Northumberland
FLANEBURG	Flamborough, Yorkshire
FOIRTHE	Rio Forth, Escócia
THE GEWÆSC	The Wash
GLEAWECESTRE	Gloucester, Cambridgeshire
GRIMESBI	Grimsby, Lincolnshire
HAITHABU	Hedeby, Dinamarca
HUMBRE	Rio Humber
LICCELFELD	Lichfield, Staffordshire
LINDCOLNE	Lincoln, Staffordshire
LINDISFARENA	Lindisfarne (Ilha Sagrada), Northumberland
LUNDENE	Londres
MÆRSE	Rio Mersey
PENCRIC	Penkridge, Staffordshire
SÆFERN	Rio Severn
SCEAPIG	Ilha de Sheppey, Kent
SNOTENGAHAM	Nottingham, Nottinghamshire
TAMEWORÐIG	Tamworth, Staffordshire
TEMES	Rio Tâmissa
TEOTANHEALE	Tettenhall, West Midlands
TOFECEASTER	Towcester, Northamptonshire
UISC	Rio Exe
WILTUNSCIR	Wiltshire
WINTANCEASTER	Winchester, Hampshire
WODNESFELD	Wednesbury, West Midlands





A Família Real de Wessex







PRIMEIRA PARTE

O abade







UM

UM CÉU ESCURO.

Os deuses fazem o céu; ele reflete seus humores, que nesse dia estavam sombrios. Era o auge do verão e uma chuva forte vinha do leste. Parecia inverno.

Eu montava Relâmpago, meu melhor cavalo. Era um garanhão, preto como a noite, mas com uma risca de pelos cinza nas ancas. Ele havia recebido esse nome em homenagem a um cão maravilhoso que eu tinha sacrificado a Tor. Odiei matar aquele cachorro, porém os deuses são duros conosco; exigem um sacrifício e depois nos ignoram. O Relâmpago era um animal enorme, forte e carrancudo, um cavalo de guerra, e naquele dia escuro eu estava em minha glória de batalha. Vestia uma cota de malha e estava coberto de aço e couro. Bafo de Serpente, a melhor das espadas, pendia do meu lado esquerdo, ainda que para o inimigo enfrentado naquele dia eu não precisasse de espada, nem de escudo, nem de machado. Mas usava-a mesmo assim porque Bafo de Serpente era minha companheira. Ainda a possuo. Quando morrer, o que deve acontecer em breve, alguém vai fechar meus dedos em volta das tiras de couro enroladas em sua empunhadura gasta e ela vai me carregar para o Valhala, ao salão dos cadáveres dos grandes deuses, e lá festejaremos.

Mas não nesse dia.

Nesse dia escuro de verão eu estava montado na sela, no meio de uma rua lamacenta, de frente para os inimigos. Podia ouvi-los, embora não os visse. Eles sabiam que eu estava lá.

A rua tinha largura suficiente para apenas duas carroças passarem uma pela outra. As casas de ambos os lados eram feitas de taipa, cobertas com





palha de junco que havia enegrecido com a chuva e ficado densa de líquen. A lama da rua afundava até o boleto do cavalo, repleta de sulcos pelas carroças e revirada por cães e porcos que andavam soltos. O vento forte ondulava as poças nas depressões e chicoteava a fumaça que saía de um buraco de telhado, trazendo o cheiro de madeira queimando.

Eu tinha dois companheiros. Havia cavalgado desde Lundene com 22 homens, mas minha missão naquela aldeia fedendo a bosta e castigada pela chuva era particular, por isso deixei a maioria dos homens a mais de um quilômetro dali. Mas Osbert, meu filho mais novo, estava atrás de mim, montando um garanhão cinza. Ele tinha 19 anos, usava cota de malha e levava uma espada à cintura. Agora era um homem, mas eu pensava nele como um menino. Eu o amedrontava, como meu pai havia me amedrontado. Algumas mães amolecem os filhos, mas Osbert não tinha mãe e eu o havia criado com dureza, porque um homem precisa ser duro. O mundo é repleto de inimigos. Os cristãos dizem para amarmos nossos inimigos e dar a outra face. Os cristãos são idiotas.

Perto de Osbert estava Æthelstan, filho bastardo e mais velho do rei Eduardo de Wessex. Tinha apenas 8 anos, mas, como Osbert, usava cota de malha. Æthelstan não sentia medo de mim. Tentava amedrontá-lo, mas ele simplesmente me encarava com seus olhos azuis e frios, depois ria. Eu amava aquele rapaz, tanto quanto amava Osbert.

Ambos eram cristãos. Travo uma batalha perdida. Num mundo de morte, traição e sofrimento, os cristãos vencem. Os antigos deuses ainda são cultuados, claro, mas estão sendo impelidos de volta para os altos vales, para lugares perdidos, para as frias bordas do norte do mundo, e os cristãos se espalham como uma peste. Seu deus pregado é poderoso. Aceito isso. Eu sempre soube que o deus deles possui um grande poder e não entendo por que meus deuses deixam aquele desgraçado vencer, mas deixam. Ele trapaceia. É a única explicação que encontro. O deus pregado mente e trapaceia, e os mentirosos e trapaceiros sempre vencem.

Assim eu aguardava na rua molhada, e Relâmpago raspava um casco pesado numa poça. Acima do couro e da cota de malha eu usava uma capa de lã azul-escuro com borda de pele de arminho. O martelo de Tor pendia de





meu pescoço, e na cabeça estava meu elmo com a crista em forma de lobo. As abas faciais estavam abertas. Pingava chuva da borda do elmo. Eu usava botas de cano longo de couro, com a parte de cima cheia de trapos enfiados para impedir que a água penetrasse. Usava manoplas, e nos braços estavam as argolas de ouro e de prata, as pulseiras que um chefe guerreiro ganha o direito de usar quando mata seus inimigos. Eu estava em minha glória, ainda que o inimigo que eu iria enfrentar não merecesse o respeito.

— Pai — começou Osbert —, e se...

— Eu falei com você?

— Não.

— Então fique quieto — rosnei.

Eu não pretendia soar tão raivoso, mas estava com raiva. Era uma raiva que não tinha aonde ir, pura raiva contra o mundo, o miserável, cinza e opaco mundo, uma raiva impotente. Os inimigos estavam atrás de portas fechadas e cantavam. Eu podia escutar as vozes, mas era incapaz de distinguir as palavras. Eles haviam me visto, com certeza, e tinham visto que, de resto, a rua estava vazia. As pessoas que moravam na cidade não queriam participar do que iria acontecer.

Embora nem eu soubesse o que iria acontecer, ainda que estivesse lá para causar a situação. Ou talvez a porta permanecesse fechada e os inimigos ficassem encolhidos dentro de sua forte construção de madeira. Sem dúvida essa era a pergunta que Osbert queria fazer. E se os inimigos permanecessem lá dentro? Ele provavelmente não os chamaria de inimigos. Teria perguntado: e se “eles” permanecessem lá dentro?

— Se eles permanecerem lá dentro — falei —, vou derrubar a maldita porta, entrar e arrancar o desgraçado. E se eu fizer isso vocês dois vão ficar aqui para segurar o Relâmpago.

— Sim, pai.

— Vou com o senhor — anunciou Æthelstan.

— Vocês vão fazer o que mandei.

— Sim, senhor Uhtred — assentiu Æthelstan respeitosamente, mas eu sabia que ele estava sorrindo. Não precisava me virar para ver aquele riso insolente, porém não me viraria porque naquele momento os cânticos pararam. Esperei. Passou-se um tempo, então a porta se abriu.



E eles saíram. Primeiro meia dúzia de velhos, depois os jovens, e vi esses mais jovens me olhando, mas nem mesmo a visão de Uhtred, chefe guerreiro vestido de raiva e glória, pôde conter sua alegria. Eles pareciam felizes demais. Sorriam, davam tapinhas nas costas uns dos outros, abraçavam-se e gargalhavam.

Os seis mais velhos não riam. Eles andaram em minha direção e não me mexi.

— Disseram-me que o senhor é Uhtred — disse um deles.

O homem usava um manto branco e sujo com uma corda servindo de cinto. Tinha cabelos brancos, barba grisalha e rosto estreito, escurecido pelo sol, com rugas profundas escavadas ao redor da boca e dos olhos. Os cabelos caíam abaixo dos ombros e a barba chegava à cintura. Tinha uma face ardi-losa, pensei, mas não desprovida de autoridade, e devia ser um homem de certa importância na igreja, porque carregava um cajado grosso com uma ornamentada cruz de prata no topo.

Não falei nada a ele. Estava observando os mais jovens. Eram, na maioria, meninos, ou meninos que tinham acabado de virar homens. Os cocurutos, onde os cabelos foram raspados da testa para trás, brilhavam pálidos à luz cinza do dia. Agora, algumas pessoas mais velhas saíam pela porta. Presumi que fossem os pais daqueles meninos-homens.

— Senhor Uhtred — disse o homem outra vez.

— Falo com você quando estiver pronto para falar — resmunguei.

— Isso não é correto — retrucou ele, estendendo a cruz para mim como se aquilo fosse capaz de me amedrontar.

— Limpe sua boca rançosa com mijo de bode — respondi.

Eu vira o rapaz que havia ido procurar e instiguei Relâmpago. Dois dos homens mais velhos tentaram me impedir, porém o garanhão ameaçou mordê-los com seus grandes dentes e eles cambalearam para trás, desesperados para escapar. Dinamarqueses de lança fugiram de Relâmpago, e os seis homens mais velhos se espalharam como palha ao vento.

Levei o garanhão até o grupo de jovens, inclinei-me da sela e agarrei o manto preto do menino-homem. Puxei-o para cima, enfiei-o de barriga para baixo sobre o arção da sela e virei Relâmpago com os joelhos.





E foi então que a encrenca teve início.

Dois ou três jovens tentaram me impedir. Um estendeu a mão para segurar as rédeas de Relâmpago e isso foi um erro, um erro grave. O garanhão mordeu, o menino-homem gritou e deixei Relâmpago empinar e sacudir os cascos da frente. Ouvi o estalo de um casco pesado batendo contra osso e vi o sangue súbito e brilhante. Relâmpago, treinado para se manter em movimento para que um inimigo não pudesse tentar mutilar uma pata traseira, saltou adiante. Esporeei-o, vislumbrando um homem caído com o crânio ensanguentado. Outro idiota tentou agarrar minha bota direita, procurando me tirar da sela, então baixei a mão com força e senti o aperto desaparecer. Por fim, o homem de cabelos brancos e compridos me interpelou. Ele havia me seguido até o meio da multidão e gritou dizendo que eu deveria soltar meu prisioneiro, e então, como um idiota, girou a pesada cruz de prata com cabo comprido na direção da cabeça de Relâmpago. Mas o cavalo de guerra fora treinado para a batalha e se desviou agilmente, então me abaixei, agarrei o cajado e arranquei-o das mãos do homem. Mesmo assim ele não desistiu. Estava cuspidando maldições contra mim enquanto agarrava as rédeas de Relâmpago e tentava arrastar o cavalo de volta na direção da turba de jovens, presumivelmente para eu ser sobrepujado pela vantagem numérica.

Levantei o cajado e baixei com força. Usei a extremidade do cabo como uma lança, e não vi que possuía uma ponta de metal, provavelmente para que a cruz pudesse ser enfiada no chão. Só pretendia atordoar o idiota falador, mas em vez disso o cajado se enterrou na cabeça dele. Furou o crânio. Iluminou aquele dia sombrio e soturno com sangue. Provocou gritos que se ergueram até o céu cristão, e soltei o cajado. O homem de manto branco, agora vestindo um tecido salpicado de vermelho, ficou oscilando, a boca abrindo e fechando, os olhos vítreos e uma cruz cristã se projetando de sua cabeça para o céu. Seus cabelos brancos e compridos ficaram vermelhos, então ele caiu. Simplesmente caiu, morto como um osso.

— O abade! — gritou alguém, e eu esporeei Relâmpago e saltei adiante, espalhando os últimos meninos-homens e deixando suas mães gritando. O homem dobrado sobre minha sela lutou e bati com força em sua nuca enquanto irrompíamos da confusão de pessoas, voltando para a rua aberta.





O homem na sela era meu filho. Meu filho mais velho. Era Uhtred, filho de Uhtred, e eu havia cavalgado desde Lundene, tarde demais para impedir que se tornasse padre. Um pregador andarilho, um daqueles padres de cabelos compridos, barbas revoltas e olhos loucos que enganam os idiotas para ganhar um pouco de prata em troca de uma bênção, tinha me contado a decisão de meu filho.

— Toda a cristandade se regozija — dissera ele, olhando-me com astúcia.

— Regozija-se com o quê? — perguntei.

— Porque seu filho vai ser padre! Daqui a dois dias, pelo que ouvi dizer, em Tofeceaster.

E era isso que os cristãos faziam em sua igreja, consagrando seus feiticeiros ao transformar meninos em padres de roupas pretas que espalhariam ainda mais a fé, e meu filho, meu filho mais velho, era agora um maldito padre cristão, então bati nele outra vez.

— Seu desgraçado — rosnei. — Seu covarde desgraçado. Seu cretinozinho traiçoeiro.

— Pai... — começou ele.

— Não sou seu pai — rosnei. Eu levava Uhtred pela rua até onde havia um monte de esterco particularmente fétido encostado à parede de uma choupana. Joguei-o em cima. — Você não é meu filho e seu nome não é Uhtred.

— Pai...

— Quer sentir Bafo de Serpente goela abaixo? — gritei. — Se quer ser meu filho tire essa maldita túnica preta, vista uma cota de malha e faça o que eu mandar.

— Eu sirvo a Deus.

— Então escolha um maldito nome. Você não é Uhtred Uhtredson. — Girei na sela. — Osbert!

Meu filho mais novo instigou seu ganhão para perto de mim. Ele parecia nervoso.

— Pai?

— A partir deste dia seu nome é Uhtred.

Ele olhou para o irmão, depois de volta para mim. Fez que sim com relutância.





— Qual é o seu nome? — inquiri irritado.

Ele ainda hesitou, mas viu minha raiva e fez que sim de novo.

— Meu nome é Uhtred, pai.

— Você é Uhtred Uhtredson — acrescentei. — Meu único filho.

Isso havia acontecido comigo, muito tempo atrás. Eu fora chamado de Osbert por meu pai, que se chamava Uhtred, mas, quando meu irmão mais velho, também Uhtred, foi morto pelos dinamarqueses, meu pai alterou meu nome. É sempre assim na nossa família. O filho mais velho leva o nome adiante. Minha madrasta, uma mulher tola, até me batizou pela segunda vez porque, segundo ela, os anjos que guardam o portão do céu não me reconheceriam pelo novo nome, por isso fui mergulhado no barril de água; no entanto, o cristianismo escorreu para fora de mim, graças a Cristo, e descobri os deuses antigos, de modo que desde então os cultuei.

Os cinco padres mais velhos me alcançaram. Eu conhecia dois deles, os gêmeos Ceolnoth e Ceolberht que, cerca de trinta anos antes, foram reféns comigo na Mércia. Éramos meninos capturados pelos dinamarqueses, um destino que aceitei de bom grado e os irmãos odiaram. Agora estavam velhos, dois padres idênticos de corpo atarracado, barbas ficando grisalhas e raiva lívida estampada no rosto redondo.

— Você matou o abade Wihtréd! — interpelou um dos gêmeos. Ele estava furioso, chocado, quase incoerente de fúria. Eu não fazia ideia de qual gêmeo era, porque nunca conseguia identificar quem era quem.

— E o rosto do padre Burgred está arruinado! — exclamou o outro gêmeo. Ele se moveu como se fosse pegar as rédeas de Relâmpago, então virei o cavalo rapidamente, deixando-o ameaçar os gêmeos com os grandes dentes amarelos que haviam mordido o rosto do padre recém-ordenado. Ceolnoth e Ceolberht recuaram.

— O abade Wihtréd! — repetiu o nome o primeiro gêmeo. — Nunca houve homem mais santo!

— Ele me atacou — rebati. Na verdade eu não pretendia matar o velho, mas não adiantava dizer isso aos gêmeos.

— Você vai sofrer! — gritou um deles. — Vai ser amaldiçoado por todos os tempos!



O outro estendeu a mão para o rapaz desventurado no monte de esterco.

— Padre Uhtred — disse ele.

— O nome dele não é Uhtred — rosnei. — E, se ele ousar chamar-se de Uhtred — olhei-o enquanto falava —, vou encontrá-lo, cortar sua barriga até o osso e dar suas tripas covardes para os meus porcos. Ele não é meu filho. Não é digno de ser meu filho.

O homem que não era digno de ser meu filho levantou-se molhado da pilha de esterco, pingando imundície. Ele olhou para mim.

— Então, qual é meu nome? — perguntou ele.

— Judas — respondi zombando. Fui criado como cristão e fora obrigado a ouvir todas as histórias deles, e me lembrava de que um homem chamado Judas havia traído o deus pregado. Isso nunca fez qualquer sentido para mim. O deus precisava ser pregado a uma cruz se quisesse virar o salvador deles, mas os cristãos culpam o homem que tornou essa morte possível. Eu achava que eles deveriam cultuá-lo como santo, porém o desprezam como traidor. — Judas — repeti, satisfeito por ter lembrado o nome.

O rapaz que fora meu filho hesitou, depois fez que sim.

— A partir de agora — declarou aos gêmeos — serei chamado de padre Judas.

— Você não pode se chamar... — começou Ceolnoth ou Ceolberht.

— Sou o padre Judas — disse ele asperamente.

— Você vai ser o padre Uhtred! — gritou um dos gêmeos para ele, depois apontou para mim. — Ele não tem autoridade aqui! É um pagão, um pária, desprezado por Deus! — O gêmeo estava tremendo de fúria, praticamente incapaz de falar, mas respirou fundo, fechou os olhos e levantou as mãos para o céu escuro. — Ó, Deus — gritou ele —, fazei descer sua fúria sobre este pecador! Castigai-o! Fazei secar suas plantações e golpeai-o com doença! Mostrai seu poder, ó, Senhor! — Sua voz subiu até um berro esganiçado. — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amaldiçoo este homem e sua prole.

Ele respirou fundo, e apertei o joelho contra o flanco de Relâmpago, fazendo o grande cavalo dar um passo para mais perto do idiota que arengava. Eu estava com tanta raiva quanto os Ceolnoth e Ceolberht.





— Amaldiçoai-o, ó, Senhor — gritou ele —, e em Sua grande misericórdia derrubai-o! Amaldiçoai-o e sua prole, para que jamais conheçam a graça! Golpeai-o, ó, Senhor, com imundície, dor e sofrimento!

— Pai! — ofegou o homem que havia sido meu filho.

Æthelstan riu. Uhtred, meu único filho, ficou boquiaberto.

Porque eu tinha chutado o idiota falador. Havia tirado o pé direito do estribo e golpeado com a bota pesada, e suas palavras pararam abruptamente, substituídas por sangue nos lábios. Ele cambaleou para trás, a mão direita cobrindo a boca despedaçada.

— Cuspa os dentes — ordenei, e, como ele desobedeceu, desembainhei metade de Bafo de Serpente.

Ele cuspiu uma mistura de sangue, saliva e dentes quebrados.

— Qual é você? — perguntei ao outro gêmeo.

Ele me olhou boquiaberto, depois se recuperou.

— Ceolnoth — respondeu.

— Pelo menos agora sei quem é quem — declarei.

Não olhei para o padre Judas. Simplesmente fui embora.

Para casa.

Talvez a maldição de Ceolberht tenha funcionado, porque cheguei em casa e encontrei morte, fumaça e ruínas.

Cnut Ranulfson havia atacado meu salão. Havia queimado-o. Havia matado. Havia aprisionado Sigunn.

Nada disso fazia sentido, pelo menos na ocasião. Minha propriedade ficava perto de Cirrenceastre, no interior da Mércia. Um bando de cavaleiros dinamarqueses havia se deslocado para longe de casa, expondo-se à batalha e à captura, para atacar meu salão. Isso eu podia entender. Uma vitória sobre Uhtred faria bem para a reputação de um homem, instigaria os poetas a compor provocadoras canções de vitória, mas eles atacaram enquanto o salão estava quase vazio. Certamente teriam mandado batedores à frente, não? Teriam subornado pessoas para servir como espiãs, para descobrir quando eu estaria lá e quando provavelmente estaria ausente, e esses espiões sem dúvida



teriam contado que eu fora convocado a Lundene para aconselhar os homens do rei Eduardo quanto às defesas da cidade. No entanto, arriscaram-se ao desastre para atacar um salão quase vazio? Não fazia sentido.

E tinham levado Sigunn.

Ela era minha mulher. Não minha esposa. Desde a morte de Gisela eu não havia tomado outra esposa, apesar de ter amantes naquela época. Æthelflaed era minha amante, mas ela era esposa de outro homem e filha do falecido rei Alfredo, e não podíamos viver juntos como marido e mulher. Portanto, Sigunn morava comigo, e Æthelflaed sabia.

— Se não fosse Sigunn — dissera ela um dia —, seria outra.

— Talvez uma dúzia de outras.

— Talvez.

Eu havia capturado Sigunn em Beamfleot. Ela era dinamarquesa, uma dinamarquesa magra, clara, bonita, que chorara pelo marido morto ao ser arrastada de uma vala cheia de sangue na praia. Já vivíamos juntos havia quase dez anos, e ela era tratada com honra e coberta de ouro. Era a senhora do meu salão e agora se fora. Tinha sido levada por Cnut Ranulfson, Cnut Espada Longa.

— Foi há três manhãs — relatou-me Osferth. Ele era o filho bastardo do rei Alfredo, que tentara torná-lo padre, porém, embora realmente tivesse cara e mente de clérigo, preferia ser guerreiro. Era cuidadoso, preciso, inteligente, confiável e raramente passional. Lembrava o pai, e, quanto mais velho ficava, mais se parecia com ele.

— Então foi no domingo de manhã — falei, desolado.

— Todo mundo estava na igreja, senhor — explicou Osferth.

— Menos Sigunn.

— Que não é cristã, senhor. — Ele parecia desaprovar.

Finan, meu amigo e o homem responsável por comandar minhas tropas enquanto eu estivesse ausente, havia levado vinte homens para reforçar a guarda pessoal de Æthelflaed, que viajava pela Mércia. Ela estivera inspecionando os burhs que guardavam o reino contra os dinamarqueses, e sem dúvida rezando em igrejas por todo o território. Seu marido, Æthelred, relutava em deixar o abrigo de Gleawecestre, de modo que cumpria com o





dever dele. Ela possuía os próprios guerreiros que a guardavam, mas mesmo assim eu temia por sua segurança, não por parte dos mércios, que a amavam, mas dos seguidores de seu marido, por isso insisti que levasse Finan e vinte homens. Na ausência do irlandês, Osferth estivera no comando dos homens que guardavam Fagranforda. Ele havia deixado seis homens vigiando o salão, os celeiros, os estábulos e o moinho, e seis homens deveriam ser o bastante, uma vez que minha propriedade ficava muito distante das terras do norte, dominadas pelos dinamarqueses.

— Eu me culpo, senhor — disse Osferth.

— Seis eram o bastante — respondi. E todos os seis estavam mortos, assim como Heric, meu administrador aleijado, e três outros serviçais. Cerca de quarenta ou cinquenta cavalos sumiram e o salão estava incendiado. Parte das paredes continuava de pé, como troncos chamuscados, mas o centro do aposento era apenas um monte de cinzas fumegantes. Os dinamarqueses tinham chegado rápido, derrubado a porta do salão, matado Heric e qualquer outra pessoa que tentasse se opor, então pegaram Sigunn e partiram. — Eles sabiam que todos vocês estariam na igreja — declarei.

— Por isso vieram no domingo — acrescentou Sihtric, outro dos meus homens, completando o pensamento.

— E saberiam que o senhor não estaria rezando — observou Osferth.

— Quantos eram? — perguntei a ele.

— Quarenta ou cinquenta — respondeu Osferth pacientemente. Eu já havia feito essa pergunta uma dúzia de vezes.

Os dinamarqueses não fazem um ataque como esse por prazer. Havia um número suficiente de salões e propriedades de saxões fáceis de serem alcançados ao redor de suas terras, mas aqueles homens assumiram um risco ao adentrar tanto na Mércia. Por Sigunn? Ela não era nada para eles.

— Eles vieram para matá-lo, senhor — sugeriu Osferth.

Mas antes os dinamarqueses teriam feito um reconhecimento do terreno, teriam falado com viajantes, saberiam que eu mantinha sempre pelo menos vinte homens comigo. Eu havia optado por não levar esses vinte a Tofeceaster para castigar o homem que fora meu filho porque um guerreiro não precisa de vinte homens para lidar com um punhado de padres. Meu filho e um rapaz



eram companhia o bastante. Porém, os dinamarqueses não poderiam saber que eu estava em Tofeceaster, uma vez que nem mesmo eu sabia que iria para lá, até receber a notícia de que meu filho desgraçado estava se tornando um feiticeiro cristão. No entanto, Cnut Ranulfson havia arriscado seus homens numa longa e inútil investida, apesar do perigo de encontrar meus homens. Estaria em número maior do que eu, mas sofreria baixas e não podia se dar a esse luxo, e Cnut Espada Longa era calculista, que não assumia riscos idiotas. Nada daquilo fazia sentido.

— Tem certeza de que era Cnut Ranulfson? — perguntei a Osferth.

— Eles carregavam o estandarte dele, senhor.

— O machado e a cruz quebrada?

— Sim, senhor.

— E onde está o padre Cuthbert? — perguntei. Eu mantenho padres. Não sou cristão, mas o alcance do deus pregado é tamanho que a maioria dos meus homens é, e naqueles dias Cuthbert servia como meu padre. Eu gostava dele. Era filho de um pedreiro, magro e desengonçado, casado com uma escrava liberta que possuía o estranho nome de Mehrasa. Era uma beldade de pele escura capturada em alguma terra estranha, longe ao sul, e trazida à Britânia por um mercador de escravos que havia morrido pela lâmina de minha espada, e agora Mehrasa gemia e gritava que seu marido se fora. — Por que ele não estava na igreja? — perguntei a Osferth, e sua única resposta foi um dar de ombros. — Ele estava montando em Mehrasa? — perguntei azedamente.

— Ele não faz isso o tempo todo? — Osferth parecia desaprovar de novo.

— Então onde ele está? — perguntei de novo.

— Talvez tenha sido levado — sugeri Sihtic.

— Eles prefeririam matar um padre a capturá-lo — retruquei. Andei em direção ao salão queimado. Homens reviravam as cinzas com ancinhos, pondo de lado lascas de madeira chamuscadas que soltavam fumaça. Talvez o corpo de Cuthbert estivesse ali, encolhido e negro. — Diga o que você viu — pedi de novo a Osferth.

Ele repetiu tudo com paciência. Estava na igreja de Fagranforda quando ouviu gritos vindos do meu salão, que não ficava muito longe. Deixou a igreja e viu a fumaça subindo no céu de verão, mas, assim que conseguiu reunir os homens e montar em seu cavalo, os atacantes já haviam partido. Ele os seguiu





e vislumbrou-os, e teve certeza de ter visto Sigunn em meio aos cavaleiros com cotas de malha escuras.

— Ela estava usando o vestido branco, senhor, do qual o senhor gosta.

— Mas você não viu o padre Cuthbert?

— Ele estava usando preto, senhor, mas a maioria dos agressores também, por isso posso não ter notado. Não chegamos perto. Eles cavalgavam como o vento.

Apareceram ossos no meio das cinzas. Passei pela antiga porta do salão, indicada pelos postes chamuscados, e senti o fedor de carne queimada. Chutei uma trave queimada para o lado e vi uma harpa nas cinzas. Por que aquilo não havia queimado? As cordas estavam retorcidas e reduzidas a cotocos pretos, mas a moldura parecia incólume. Abaixei-me para pegá-la e a madeira quente simplesmente se desfez em minha mão.

— O que aconteceu com Oslic? — perguntei. Ele fora o harpista, um poeta que cantava canções de guerra no salão.

— Eles o mataram, senhor — respondeu Osferth.

Mehrasa começou a gemer mais alto. Estava olhando os ossos que um homem havia varrido das cinzas.

— Diga a ela para ficar quieta — rosnei.

— São ossos de cachorro, senhor. — O homem do ancinho fez uma reverência a mim.

Os cães do salão, que Sigunn amava. Eram terriers pequenos, que gostavam de matar ratos. O homem puxou das cinzas um prato de prata derretido.

— Eles não vieram me matar — afirmei, olhando as pequenas costelas.

— Quem mais? — perguntou Sihtric. Ele fora meu serviçal e agora era um guerreiro da casa, e dos bons.

— Vieram por causa de Sigunn — declarei, porque não conseguia pensar em outra explicação.

— Mas por que, senhor? Ela não é sua esposa.

— Ele sabe que gosto dela, e isso significa que quer alguma coisa.

— Cnut Espada Longa — disse Sihtric em tom agourento.

Sihtric não era covarde. Seu pai havia sido Kjartan, o Cruel, e herdara dele a habilidade com armas. Sihtric estivera comigo na parede de escudos



e eu conhecia sua bravura, mas ele parecera nervoso ao pronunciar o nome de Cnut. Não era de espantar. Cnut Ranulfson era uma lenda nas terras dominadas pelos dinamarqueses. Era um homem magro, de pele muito pálida e cabelos totalmente brancos, apesar de não ser velho. Eu achava que ele devia ter quase 40 anos, o que era bem velho, mas os cabelos de Cnut eram brancos desde o dia do nascimento. E ele nascera inteligente e implacável. Sua espada, Cuspe de Gelo, era temida desde as ilhas do norte até o litoral sul de Wessex, e sua fama atraía homens jurados que vinham do outro lado do mar para servi-lo. Ele e seu amigo, Sigurd Thorrson, eram os maiores senhores dinamarqueses da Nortúmbria, e compartilhavam a ambição de serem os maiores senhores da Britânia, mas possuíam um inimigo que os havia impedido repetidamente.

E agora Cnut Ranulfson, Cnut Espada Longa, o mais temido guerreiro da Britânia, capturara a mulher desse inimigo.

- Ele quer alguma coisa — repeti.
- Você? — perguntou Osferth.
- Vamos descobrir — anunciei, e de fato fizemos isso.

Descobrimos o que Cnut Ranulfson queria naquela tarde, quando o padre Cuthbert chegou em casa. O sacerdote foi trazido na carroça de um mercador que comerciava peles. Foi Mehrasa quem nos alertou. Ela gritou.

Eu estava no grande celeiro que os dinamarqueses não tiveram tempo de queimar e que poderíamos usar como salão até eu construir outro, e olhava meus homens construindo uma lareira com pedras quando ouvi o grito e corri para fora, então vi a carroça sacolejando ladeira acima. Mehrasa estava puxando o marido enquanto Cuthbert sacudia os braços compridos e magriços. Ela continuava berrando.

— Quieta! — gritei.

Meus homens seguiram-me. O comerciante de peles havia parado a carroça e caído de joelhos enquanto eu me aproximava. Explicou que tinha encontrado o padre Cuthbert no norte.

— Ele estava em Beorgford, senhor — narrou ele. — Perto do rio. Estavam atirando pedras nele.

— Quem estava atirando pedras?





— Meninos, senhor. Eram só meninos brincando.

Então Cnut havia cavalgado até o vau onde, presumivelmente, havia libertado o padre. A batina comprida de Cuthbert estava suja de lama e rasgada, e seu couro cabeludo estava coberto por crostas de sangue.

— O que você fez com os meninos? — perguntei ao comerciante.

— Só os espantei, senhor.

— Onde ele estava?

— Em meio aos juncos, senhor, perto do rio. Estava chorando.

— Padre Cuthbert — falei, indo até a carroça.

— Senhor! Senhor! — Ele estendeu a mão para mim.

— Ele não seria capaz de chorar — retruquei ao comerciante. — Osferth! Dê dinheiro ao homem. — Fiz um gesto na direção do salvador do padre. — Vamos alimentá-lo — declarei ao homem — e deixar seus cavalos passarem a noite no estábulo.

— Senhor! — gemeu o padre Cuthbert.

Enfiei a mão na carroça e levantei-o. Ele era alto mas surpreendentemente leve.

— Consegue ficar de pé? — perguntei.

— Sim, senhor.

Coloquei-o no chão, firmei-o, depois me afastei enquanto Mehrasa o abraçava.

— Senhor — disse ele por sobre o ombro dela. — Tenho uma mensagem.

Ele parecia estar chorando, e talvez estivesse, mas um homem sem olhos não pode chorar. Um homem com dois buracos sangrentos no lugar dos olhos não pode chorar. Um homem cegado precisa chorar e não pode.

Cnut Ranulfson havia arrancado seus olhos.

Tameworþig. Era onde eu deveria me encontrar com Cnut Ranulfson.

— Ele disse que o senhor saberia o porquê — declarou o padre Cuthbert.

— Foi tudo o que ele disse?

— Que o senhor saberia o porquê — repetiu ele — e que cumpriria com a palavra, e que deveria encontrá-lo antes da lua minguante, caso contrário irá matar sua mulher. Lentamente.



Fui à porta do celeiro e olhei para a noite, mas a lua estava escondida pelas nuvens. Não que precisasse ver como seu crescente reluzia. Eu tinha uma semana antes que ela minguassee.

— O que mais ele disse?

— Só que o senhor deve ir a Tameworþig antes que a lua morra, senhor.

— E cumprir com a palavra? — perguntei, perplexo.

— Ele falou que o senhor saberia o que isso quer dizer.

— Não sei!

— E ele falou... — começou devagar o padre Cuthbert.

— Falou o quê?

— Falou que me cegou para que eu não pudesse olhar para ela, senhor.

— Olhar para quem?

— Por isso me cegou! — gemeu ele, então Mehrasa começou a berrar e não consegui entender nenhum dos dois.

Mas pelo menos eu conhecia Tameworþig, ainda que o destino nunca tivesse me levado àquela cidade, que ficava no limite das terras de Cnut Ranulfson. Ela já fora uma grande cidade, capital do poderoso rei Offa, o governante mércio que havia construído uma muralha contra os galeses e dominara a Nortúmbria e Wessex. Offa tinha se declarado rei de todos os saxões, mas estava morto havia muito tempo e seu poderoso reino da Mércia era agora uma lamentável ruína dividida entre dinamarqueses e saxões. Tameworþig, que já abrigara o maior rei de toda a Britânia, a cidade-fortaleza que acolhera suas temidas tropas, era agora um punhado de restos decadentes onde os saxões eram escravos de jarls dinamarqueses. Além disso, servia como o salão de Cnut mais ao sul, um posto avançado do poder dinamarquês numa fronteira disputada.

— É uma armadilha — alertou Osferth.

De algum modo eu duvidava. O instinto é tudo. O que Cnut Ranulfson tinha feito era perigoso, um grande risco. Havia mandado — ou trazido — homens para o interior da Mércia onde seu pequeno grupo de ataque poderia ter sido isolado e trucidado até o último guerreiro. Ainda assim, algo o impelira a correr esse risco. Ele queria alguma coisa e acreditava que eu a possuía, de forma que tinha me convocado, não para um dos grandes salões no interior das próprias terras, mas a Tameworþig, que ficava muito perto do território saxão.





— Vamos cavalgar — avisei.

Levei cada homem que pudesse montar um cavalo. Éramos 68 guerreiros com cotas de malha e elmos, carregando escudos, machados, espadas, lanças e martelos de guerra. Cavalgávamos atrás de meu estandarte com a imagem do lobo, e seguimos para o norte através dos frios ventos de verão e das tempestades súbitas e malignas.

— A colheita vai ser ruim — afirmei a Osferth enquanto cavalgávamos.

— Como no ano passado, senhor.

— Seria melhor vermos quem está vendendo grãos.

— O preço vai ser alto.

— Antes disso do que crianças mortas.

— O senhor é o hlaford — declarou ele.

Virei-me na sela.

— Æthelstan!

— Senhor Uhtred? — O rapaz acelerou o passo de seu garanhão.

— Por que sou chamado de hlaford?

— Porque o senhor é o protetor do pão — explicou ele. — E o dever de um hlaford é alimentar seu povo.

Grunhi em aprovação à resposta. Hlaford é um senhor, o homem que protege o hlaf, ou pão. Meu dever era manter meu povo vivo durante a severidade do inverno, e, se isso exigisse ouro, ouro deveria ser gasto. Eu possuía ouro, mas nunca o suficiente. Sonhava com Bebbanburg, com a fortaleza ao norte que me fora roubada por Ælfric, meu tio. Era o forte inexpugnável, o último refúgio no litoral da Nortúmbria, tão intimidador e formidável que os dinamarqueses jamais o capturaram. Eles tomaram todo o norte da Britânia, desde as ricas pastagens da Mércia até a selvagem fronteira escocesa, mas nunca conquistaram Bebbanburg, e se eu quisesse tomá-la de volta precisava de mais ouro para os homens, mais ouro para lanças, mais ouro para machados, mais ouro para espadas, mais ouro para podermos derrotar meus parentes que roubaram minha fortaleza. Mas, para isso, teríamos de lutar atravessando todas as terras dinamarquesas, e eu havia começado a sentir medo de morrer antes de alcançar Bebbanburg outra vez.

Chegamos a Tameworþig no segundo dia de viagem. Em certo ponto havíamos atravessado a fronteira entre as terras saxãs e as dinamarquesas, uma



fronteira que não possuía uma linha fixa, apenas um trecho de terreno onde as propriedades foram queimadas, os pomares, cortados, e onde poucos animais pastavam, a não ser os selvagens. Mas algumas daquelas fazendas antigas tinham sido reconstruídas; vi um celeiro novo, com madeira clara, e havia gado em alguns pastos. A paz estava trazendo os homens às terras fronteiriças. Essa paz se iniciara após a batalha na Ânglia Oriental, logo após a morte de Alfredo, mas fora sempre uma paz desconfortável. Houvera ataques para roubar gado, para tomar escravos e disputas pelos limites de terras, porém, nenhum exército havia sido reunido. Os dinamarqueses ainda queriam conquistar o sul e os saxões sonhavam em tomar o norte de volta, mas durante dez anos tínhamos vivido numa calma soturna. Eu quisera perturbar a paz, comandar um exército para o norte, na direção de Bebbanburg, mas nem a Mércia nem Wessex me forneceria homens, por isso eu também tinha mantido a paz.

E agora Cnut a havia perturbado.

Ele sabia que estávamos indo. Devia ter posicionado batedores para vigiar todos os caminhos desde o sul, por isso não tomamos precauções. Geralmente, quando cavalgávamos na fronteira selvagem, enviávamos nossos próprios batedores adiante, mas em vez disso cavalgávamos de forma ousada, mantendo-nos numa estrada romana, cientes de que Cnut estava esperando. E estava mesmo.

Tameworþig ficava logo ao norte do rio Tame. Cnut nos encontrou ao sul do rio, e queria nos impressionar, porque tinha mais de duzentos homens numa parede de escudos atravessando a estrada. Seu estandarte, que mostrava um machado de guerra despedaçando uma cruz cristã, balançava no centro da linha, e o próprio Cnut, resplandecente em uma cota de malha com uma capa marrom escura, uma estola de pele nos ombros e os braços brilhando de ouro, esperava montado, poucos passos à frente de seus homens.

Parei meus guerreiros e avancei sozinho.

Cnut avançou para mim.

Nós mantivemos os cavalos separados pelo comprimento equivalente ao de uma lança. Olhamo-nos.

Seu rosto magro estava emoldurado por um elmo. A pele clara parecia macilenta, e a boca, que geralmente sorria com muita facilidade, era um





talho sério. Ele parecia mais velho do que eu recordava, e naquele momento percebi, olhando seus olhos cinza, que se Cnut Ranulfson quisesse alcançar os sonhos de sua vida precisaria fazê-lo depressa.

Nós nos encaramos enquanto a chuva caía. Um corvo voou de algum freixo e me perguntei que tipo de presságio aquilo seria.

— Jarl Cnut — saudei, rompendo o silêncio.

— Senhor Uhtred — respondeu ele. Seu cavalo, um garanhão cinza, pateou de lado e Cnut deu-lhe um tapa no pescoço com a mão enluvada para acalmá-lo. — Eu o chamei e você veio correndo como uma criança amedrontada.

— Quer trocar insultos? — perguntei. — Você, que nasceu de uma mulher que se deitava com qualquer homem que estalasse os dedos?

Ele ficou em silêncio por um tempo. À minha esquerda, um pouco oculto pelas árvores, um rio corria frio naquela triste chuva de verão. Dois cisnes alçaram voo, as asas lentas no ar gélido. Um corvo e dois cisnes? Toquei o martelo pendurado no pescoço, esperando que os presságios fossem bons.

— Onde ela está? — proferiu Cnut finalmente.

— Se eu soubesse quem, talvez pudesse responder.

Ele olhou para além de mim, para onde meus homens esperavam montados.

— Você não a trouxe — afirmou ele, seco.

— Você vai falar por meio de charadas? Então me responda esta. Quatro pendurados, quatro apoiados, dois encurvados, um balançado.

— Tenha cuidado — preveniu ele.

— A resposta é uma cabra — respondi. — Quatro tetas, quatro patas, dois chifres e um rabo. É uma charada fácil, mas a sua é difícil.

Cnut me encarou.

— Há duas semanas aquele estandarte esteve em minhas terras. — Ele apontou para minha bandeira.

— Não fui eu quem mandei, não fui eu quem trouxe.

— Setenta homens, foi o que me disseram. — Cnut ignorou minhas palavras. — E cavalgaram até Buchestanes.

— Eu estive lá, mas foi há muitos anos.

— Levaram minha esposa, meu filho e minha filha.